



VARIEDADES LINGÜÍSTICAS DENTRO E FORA DO BRASIL

Katie Drager¹

Albert Olivier Blaise Rilliard²

Marcia dos Santos Machado Vieira³

Marcos Luiz Wiedemer⁴

O dossiê temático “*Variedades linguísticas dentro e fora do Brasil*”, do número 1 do volume 23, é organizado pelos professores Katie Drager (Universidade do Havaí-Mānoa), Albert Olivier Blaise Rilliard (CNRS, UFRJ), Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ) e Marcos Luiz Wiedemer (UERJ/Faperj) no intento de reunir investigações e encaminhamentos teórico-metodológicos de estudos sobre variedades de língua(s) e dimensões sociais. Os artigos reunidos neste dossiê descrevem as maneiras pelas quais fatores sociais, contextos sociais, construção de identidade e objetivos e práticas discursivas desempenham papel importante em relação a produção, processamento, avaliação ou percepção de variantes.

O ponto de partida para a temática foi o de configurar um panorama de pesquisas nas áreas de Sociolinguística e Geolinguística em que sobressaem temas, problemas, ações e/ou proposições relacionados, mas não limitados, a: (i) descrição de variação com base em evidência empírica; (ii) desenvolvimento e implementação de métodos experimentais ou não

1 Professora de Linguística da Universidade do Havaí-Mānoa (Departamento de Linguística, Universidade do Havaí-Mānoa), kdrager@hawaii.edu.

2 Professor visitante da UFRJ (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; LIMSI, CNRS, Universidade Paris-Saclay), e-mail: albert.rilliard@letras.ufrj.br, albert.rilliard@limsi.fr, albert.rilliard@gmail.com.

3 Professora de Língua Portuguesa da UFRJ (Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro), marcia@letras.ufrj.br.

4 Professor de Linguística, Procientista UERJ/Faperj (Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mlwiedemer@gmail.com.



experimentais/observacionais, métodos computacionais e/ou métodos para análise estatística de dados sociolinguísticos; (iii) tratamento teórico-explicativo dos materiais analisados; e (iv) discussão da relação entre observações linguísticas e ensino, bem como outras áreas da sociolinguística aplicada (por exemplo, uso da língua em sala de aula, ecolinguística e outros campos de aplicação ou conhecimento).

Há aqui um conjunto de artigos que se delineiam por algum perfil desse ponto de partida: estudos de variantes fonético-fonológicas, lexicais e morfossintáticas baseadas em análises de dados de fala espontânea, experimentos de percepção ou tarefas de avaliação subjetiva; pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, assim como tratamento teórico-explicativo de materiais analisados. Uns lidam com a questão de identidade ou representação de uma comunidade, outros focalizam condicionamentos linguísticos e extralinguísticos e ainda outros são retratos panorâmicos, propiciando uma visão geral da linguagem.

Além disso, o ponto de partida ainda está adensado por colaborações nas quais tem proeminência um destes encaminhamentos, relativos a espaços de aplicação da variação: (i) a observação tipológica decorrente da comparação entre experiências e recursos de certas línguas para a expressão de um estado de coisas (movimento) no campo da tradução (do contraste entre originais e versões em línguas diferentes), (ii) a concepção multilíngue de conhecimento gramatical no campo do contato entre comunidades e de modelagem desse conhecimento mediante uma abordagem em Gramática de Construções baseada no uso (pareamentos de forma e função que são convencionalizados na experiência de uso e podem ser entrincheirados na representação cognitiva), bem como (iii) o tratamento de língua portuguesa e de rotinas discursivas ligadas ao acionamento dos recursos do Português em espaços, de ensino e tradução, em que não é a língua materna.

Um objetivo deste dossiê foi o de reunir textos oriundos de pesquisas expostas no 1º Fórum Internacional em Sociolinguística (FIS) e no evento satélite a esse fórum intitulado II Encontro Internacional do GT de Sociolinguística (EIGTS). Afinal, esses eventos ensejaram a reunião de farto conjunto de investigações e o envolvimento de todos os quatro pesquisadores organizadores deste dossiê. Muitos dos sociolinguistas que participaram desses eventos contribuíram para o dossiê, incluindo alguns daqueles que, no processo de avaliação, por pares, do pôster, foram contemplados com o Prêmio *Dinah Callou*.

O 1º Fórum Internacional em Sociolinguística: descrição, teoria, metodologia e ensino, concebido pela gestão do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) no triênio 2018-2021, congregou pesquisadores das áreas de Sociolinguística e Geolinguística do panorama nacional e internacional. Esses eventos foram delineados em torno de uma agenda de temáticas, problemáticas, ações e proposições referentes à: observação, investigação, implementação de metodologias experimentais ou não-experimentais/observacionais e de metodologias computacionais, explicação teórico-científica e

relação com ensino e/ou outros campos de aplicação ou saber. Já o *II Encontro Internacional do GT de Sociolinguística* promoveu espaço em quatro linhas de trabalho: (i) variação e mudança linguística; (ii) contato, variação e identidade; (iii) sociolinguística e ensino; e (iv) questões teóricas e metodológicas. A interlocução nesses eventos mobilizou vozes que têm trajetória sólida em pesquisa sociolinguística ou dialetológica desenvolvida dentro e fora do Brasil.

Um pouco da repercussão dos diálogos que estiveram presentes nesses eventos está evidente também em textos deste dossiê. Este contém, cada uma com um pesquisador de universidade estrangeira (Universidade de Kiel e Universidade de Lille). Uma versa sobre multilinguismo na perspectiva de modelagem de língua como Gramática de Construções e a outra é sobre o Português como língua não materna em práticas de ensino e tradução na França. As duas entrevistas abrem o dossiê. Somam-se a essas entrevistas, dezoito artigos sobre temas variados.

A primeira entrevista, “*Multilingualism and diastematic construction grammar*”, realizada com o Professor Steffen Höder (Universidade de Kiel-Alemanha) e conduzida por Roberto de Freitas Junior (UFRJ/UERJ), Lia Abrantes Antunes Soares (UFRJ) e João Paulo da Silva Nascimento (UERJ), traça uma série de explanações sobre o modelo da Gramática de Construções Diassistêmica. Steffen Höder, um dos fundadores do modelo, apresenta explicações e reflexões sobre a representação cognitiva na perspectiva diassistêmica e sobre pesquisas que versam sobre contato linguístico, mudança e variação linguística. Ele descreve uma perspectiva construcionista de conhecimento linguístico como um diassistema e, ao fazê-lo, traça generalizações sobre variação sociopragmática. Essa perspectiva construcionista está no escopo de trabalho científico de dois dos organizadores deste dossiê (cf. MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2019⁵).

Já a segunda entrevista, realizada com a professora Liliane Santos (Universidade de Lille-França) e conduzida por Eneile Santos Saraiva (UFRJ), Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UFRJ) e Jeane Nunes da Penha (UFRJ), recebe o título “*O Português como língua não materna: reflexões sobre ensino e tradução*” e discute questões relativas ao ensino de língua portuguesa e de suas variedades, bem como à área de tradução. O debate delinea-se a partir das questões que vão da linguagem como espaço de enunciação e interação ao ensino-aprendizagem de português como língua não materna. Além disso, os leitores têm a oportunidade de conhecer os trabalhos desenvolvidos no âmbito dos estudos franceses, franco-brasileiros, franco-portugueses, brasileiros e portugueses desenvolvidos na Universidade de Lille.

5 MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. Blucher, 2019, p. 85-120.
MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Variationist Sociolinguistics and Construction Grammar: the challenges and the prospects of compatibilization. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. Blucher, 2019, p. 121-128.

No artigo que abre o primeiro dossiê deste volume, “*Roll up/venez: an invitation to corpus-based research in motion typology*”, Bert Cappelle (Universidade de Lille-França) ressaltava algumas facetas da tipologia de movimento, aplicadas principalmente ao inglês e ao francês. O artigo é versão escrita de uma palestra realizada no 8º *CogLing Days* (conferência da Associação de Linguística Cognitiva da Bélgica e da Holanda), realizada de 13 a 14 de dezembro de 2018 na Universidade Católica de Louvain. No texto, o linguista lida com diferenças estilísticas relativas ao uso de verbos de movimento, considerando a comparação entre estudos de textos em inglês que resultam de traduções (do francês, alemão, holandês) e textos originalmente escritos em inglês. Embora ainda considere aberta à investigação a questão de diferença estilística corresponder a uma diferença cognitiva, o autor sugere que o francês, por causa de sua classificação tipológica, pode não levar seus falantes a transmitirem muitos detalhes (nem de Modo/Manner nem de Percurso/Path) na codificação de movimento.

Em “*Ingliding as stylistic practice in Porto Alegre (RS)*”, Samuel Gomes de Oliveira (UFRGS) expõe sua análise do *ingliding* ([ɛ]~[ɛɐ], [ɔ]~[ɔɐ]) no Português Brasileiro falado em Porto Alegre (RS). Investiga o padrão de variação, bem como os estilos e significados sociais associados às variantes. Por meio do emprego de métodos de análise qualitativos e quantitativos, o autor investiga o significado social associado ao processo fonético de *ingliding* e argumenta que ele incorpora um estilo de vida marcado pelo relaxamento de tensão. E, então, reúne evidências de que o *ingliding* é favorecido por vogais médias-abertas e desfavorecido por segmentos seguintes labiais e dorsais. O ditongo centralizado, que surge da própria vogal nuclear em segmentos proeminentes do sintagma entoacional, parece ocorrer em elementos de maior duração intrínseca. Além disso, os resultados sugerem que o *ingliding* pode ser uma prática estilística que associa lucro simbólico a pessoas inseridas no paradigma pós-moderno do movimento jovem que ocorreu no bairro Bom Fim nos anos 1980, que pode indexar *liberdade, inovação, juventude* e *transgressão* ao ditongo centralizado. Assim, o autor detecta, na cidade de Porto Alegre, pelo menos dois estilos de vida que o *ingliding* diferencia: uma persona que é associada aos significados *descolado* e *despojado*, ideologicamente oposta a uma *formal, retraída, esnobe, elitista*.

“*Variação do tepe em onset complexo na comunidade de fala do Rio de Janeiro: um olhar a partir de falantes excluídos socialmente*”, artigo de autoria de Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo (UFRJ), Livia Fernandes Silva (UFRJ) e Bruna Oliveira Ranquine (UFRJ), expõe os resultados de uma pesquisa sobre a variação do tepe em onset complexo – como em p[r]incesa ~ p[ø]incesa –, na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a partir da análise de dados de produção espontânea de 08 falantes de uma amostra de fala composta por adolescentes excluídos socialmente (Amostra EJLA/PEUL). Todos os dados foram tratados no modelo de efeitos mistos do Rbrul e examinados segundo pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e de Modelos Baseados no Uso. Os percentuais de ausência do tepe mostram um comportamento semelhante entre os indivíduos da Amostra EJLA e um grupo de indivíduos

socialmente diferente que tem maior inserção social (Amostra Censo 1980). Essas similaridades apontam para a possibilidade de a variável não ser influenciada por fatores sociais ou de o condicionamento estrutural atuar da mesma forma em toda a comunidade de fala. O exame dos itens mais frequentes na amostra sinaliza que as taxas de realização de tepe variam dependendo do item lexical. Os autores argumentam que os resultados são, portanto, consistentes com um modelo de produção de fala baseado em exemplares, no qual memórias episódicas de palavras são foneticamente detalhadas. No modelo, cada instância de uso de uma palavra que poderia conter tepe seria armazenada, e as representações mentais de cada palavra usada incluiriam informações a respeito de o tepe ser ou não realizado. Durante a produção da palavra, essas representações foneticamente codificadas são ativadas, direcionando a produção para a variante mais comumente codificada para essa palavra.

Dany Thomaz Gonçalves (UFRJ) e Christina Abreu Gomes (UFRJ), no artigo intitulado “*Indexação social de gênero e sexualidade: contribuições aos estudos brasileiros*”, fornecem uma visão geral sobre a fala de homossexuais brasileiros no intuito de tratar de como a orientação sexual pode ser socialmente indexada. Consideram os aspectos característicos da fala de homossexuais brasileiros a partir da construção de dicionários com “dialetos” de grupos LGBT+, como o pajubá/bajubá, assim como os que descrevem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos que, ao que parece, indexam uma identidade LGBT+. A discussão encaminhada soma-se aos resultados do estudo piloto de Gonçalves (2019)⁶ que, quando no conjunto, apontam para a necessidade de aprofundamento das questões ligadas à relação entre variação e orientação sexual.

Já no artigo “*Avaliação social e a concordância verbal com o pronome tu*”, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (UFAL) apresenta os resultados de um questionário sociolinguístico concebido para examinar a percepção da concordância verbal com o pronome *tu* entre estudantes universitários, e verifica os significados sociais em relação ao uso de *tu* com o verbo na terceira pessoa do singular *tuv3ps*. E isso é feito a partir da aplicação de questionário sociolinguístico e do controle de parâmetros de julgamento social e o tratamento estatístico dos dados. Os resultados indicam que o uso de *tuv3ps* está inserido na comunidade dos estudantes, não sendo avaliado negativamente, pois é mais associado a um uso prático, normal, familiar, cultural, íntimo e informal, fortemente relacionado à origem geográfica, à situação comunicativa e à pessoa com quem se dá a interação.

O artigo que recebe o título “*Análise variacionista da ordem dos clíticos pronominais no português de Moçambique*”, das autoras Ana Carolina Alves Caetano (UFRJ) e Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ), expõe investigação sobre a ordem de clíticos pronominais na variedade urbana do Português de Moçambique, nos contextos de realização das variantes pré-verbal (próclise) e pós-verbal (ênclise) na modalidade falada. Para a investigação, foram analisados os dados

6 GONÇALVES, D. T. Indexação social da sexualidade de falantes gays cariocas. IN: *I Fórum Internacional de Sociolinguística*, 1., 2019, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos, Rio de Janeiro, 2019, p. 213-214.

das entrevistas do Corpus Moçambique-Port (VIEIRA; PISSURNO, 2015⁷). As entrevistas analisadas foram realizadas com homens e mulheres que falam português como primeira ou segunda língua, e que variam em função da idade e do nível de escolaridade. Ao controlar as variáveis de natureza linguística, relacionadas à forma pronominal, ao verbo e à oração, as autoras observaram alternância entre as variantes dos clíticos pronominais na variedade urbana do Português de Moçambique. Por exemplo, os falantes tendem ao uso da variante pós-verbal que é a forma mais encontrada no Português Europeu, a suposta norma de referência para o Português de Moçambique.

O artigo desenvolvido pelas autoras Carolina Amorim Zanellato (UFES), Aline Berbert Tomaz Fonseca Lauar (UFES), Karina Corrêa Conceição (UFES) e Lilian Coutinho Yacovenco (UFES) recebe o título “*Objeto direto anafórico de terceira pessoa: norma padrão x norma da comunidade*”. A investigação, a partir da abordagem sociolinguística, discute a implementação de uma norma distinta da norma padrão numa comunidade de fala, e analisa quais variantes ocupam o espaço deixado pelo clítico acusativo, que está em desuso no português brasileiro. A partir da comparação de diferentes pesquisas, as autoras procuram, também, compreender a chamada norma da comunidade que tem influenciado a escrita de textos de histórias em quadrinhos e de jornais, de fins do século XIX a 1970. A partir da avaliação dos *corpora*, é constatada a diminuição do clítico acusativo. Também demonstra que o pronome lexical, registrado na fala, e ausente nos jornais, é também observado nas histórias em quadrinhos, passando de nenhuma ocorrência em 1970 para 13% do total dos dados nos anos 2000. Para as autoras, o uso da variante prescrita é mais saliente do que o das demais variantes. Por fim, aludem que há uma tendência de substituir o clítico acusativo por pronome lexical, categoria vazia ou sintagma nominal anafórico, que não se restringe à fala, passando a ocorrer, também, na escrita.

Em “*A regência variável do verbo de movimento ir na fala capixaba: o comportamento de fatores extralinguísticos*”, Bárbara Gomes Citéli (UFES) e Leila Maria Tesch (UFES) expõem resultados da análise sociolinguística variacionista sobre preposições produzidas por residentes da cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Especificamente, o estudo é uma análise do uso das preposições (*a, para, em*) que complementam o verbo *ir* em sentido de movimento. Os dados da pesquisa são oriundos da amostra PortVix e são examinados segundo fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação do fenômeno analisado. Os resultados mostram que a preposição *para* é a mais utilizada pelos informantes da comunidade de fala capixaba, seguida das preposições *em* e *a*. De acordo com as pesquisadoras, o estudo lança novas discussões sobre tal fenômeno na comunidade de fala capixaba, bem como o encaixamento aos estudos realizados em diferentes comunidades de falantes do português brasileiro.

7 VIEIRA, S. R.; PISSURNO, K. C. S. (orgs.). *Corpus Moçambique-PORT*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2016. Disponível em: <www.corporaport.letas.ufrj.br> Último acesso em 15 de setembro de 2019.

As pesquisadoras Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFBA), Evangelina Maria Brito de Faria (UFPRE), Paula Michely Soares da Silva (UFPB) e Jéssica Tayrine Gomes de Melo Bezerra (UFPB), no artigo “*Análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental*”, descrevem o primeiro conjunto de resultados de um projeto de pesquisa intercontinental “Gesto e fala de crianças em ambientes digitais: acervo de dados intercontinentais”, que tem por objetivo a coleta de dados de crianças de 7 a 12 anos, que possuem o português como língua oficial, em contextos familiares, em três países, Moçambique, Portugal e Brasil. A porção da pesquisa desenvolvida no artigo deste dossiê usa o programa ELAN para analisar a multimodalidade gestual e verbal em três vídeos de crianças, cada um contendo o gênero receita culinária. Com base na tese de que fala e gesto compõem uma só matriz, a análise empreendida mostra que há pouca variação no uso dos gestos e uma maior convergência nos vídeos das três crianças, tanto no uso de gestos emblemáticos, destacando os icônicos + metafóricos e os dêiticos + metafóricos, quanto aos pantomímicos, para um maior emprego dos icônicos + ritmados. Além disso, as pesquisadoras apontam que há profusão de gestos, desde o início da fala até o final da apresentação dos gêneros textuais orais, nas três crianças. Por fim, destacam a onipresença do movimento natural do corpo, da cabeça, do olhar, das mãos, seja durante a verbalização ou na ausência de fala.

“*O sistema do projeto Atlas Linguístico do Brasil: análise linguística automatizada*” é o título do artigo escrito por Daniela Barreiro Claro (UFBA), Marcela Moura Torres Paim (UFRPE) e Luis Emanuel Neves de Jesus (UFBA). Apresenta o processo de desenvolvimento de informatização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em duas décadas de trabalho. O trabalho destaca os procedimentos metodológicos desenvolvidos, a modelagem do banco de dados e o desenvolvimento do sistema ALiBWeb. Os autores destacam a importância do trabalho na socialização das informações, em âmbito nacional e internacional, que consequentemente, tem potencial de incentivar novas frentes de pesquisa por meio da análise linguística automatizada que possibilita novos rumos e avanços na pesquisa dialetológica.

O artigo “*Sociolinguística e Dialetologia: novas abordagens de pesquisa e ensino*”, de autoria de Josane Moreira de Oliveira (UEFS/UFBA), Clézio Roberto Gonçalves (UFOP) e Jacyra Andrade Mota (UFBA), apresenta um balanço crítico oriundo da análise e das discussões dos trabalhos apresentados no simpósio com o mesmo título do artigo, durante o *1º Fórum Internacional em Sociolinguística: descrição, teoria, metodologia e ensino*, em novembro de 2019, e coordenado pelos autores do artigo. O texto retoma a discussão encaminhada no evento, que buscou rever a metodologia da coleta de dados, o perfil da comunidade e dos informantes e o estabelecimento de variáveis linguísticas, sociais e espaciais. Os resultados das discussões encaminhadas balizam: (i) novas metodologias de pesquisa em Sociolinguística e em Dialetologia, sobretudo com a incorporação de novas ferramentas computacionais e estatísticas; (ii) novas abordagens para o ensino de português, considerando a variação e a mudança e o combate ao preconceito linguístico; (iii) a interdisciplinaridade nas pesquisas

sociolinguísticas e dialetológicas, com, por exemplo, a sociologia, a geografia, a antropologia, os estudos culturais e de gênero, a pedagogia, a psicologia, a estatística.

“*A mulher e a dialetologia brasileira*”, escrito pelos pesquisadores Leandro Almeida dos Santos (UESBA) e Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA), documenta o papel das mulheres na história dos estudos dialetais do Brasil. A partir do objetivo de ressaltar a contribuição feminina para o desenvolvimento da Dialetologia, por meio de textos que resgatam essas histórias, entrevistas com mulheres dialetólogas e visitas aos arquivos fotográficos, o texto revela os desafios e obstáculos vencidos por essas mulheres, no decorrer dos anos e nos avanços significativos quanto à Geolinguística e à Dialetologia brasileiras. O texto é um importante registro para a preservação dessas memórias, uma vez que dão visibilidade aos desafios muitas vezes ocultos enfrentados por pesquisadoras devido a circunstâncias além de seu controle, como aquelas que surgem do sexismo ou do trabalho em comunidades remotas. Documenta os caminhos trilhados pelas pesquisadoras. Entre seus registros fotográficos, está a atuação em pesquisa de campo da docente Dinah Callou, homenageada por ocasião do 1º Fórum Internacional em Sociolinguística: descrição, teoria, metodologia e ensino: Prêmio *Dinah Callou*. O estudante Leandro Almeida dos Santos (UESBA) foi um dos contemplados com esse prêmio.

O artigo “*A pesca e a linguagem em Siribinha e Bom Jesus dos Passos: possíveis olhares linguístico-etnográficos*”, de Thais Dutra Pereira (UFBA), revisita resultados da sua dissertação de mestrado, partindo de observação linguístico-etnográfica. Nela, investigou a fala de pescadores e marisqueiras na Bahia, com vistas a identificar particularidades tanto linguísticas quanto extralinguísticas em ambas as localidades. Com base no arcabouço teórico da dialetologia pluridimensional, das ciências do léxico e da etnolinguística, e em critérios sociolinguísticos, a pesquisa é realizada a partir de questionários baseados na metodologia do ALIB e do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP). Os resultados fornecem evidências de que certas palavras estão associadas a determinadas atividades que, por sua vez, estão associadas a determinados gêneros ou gerações. Por exemplo, em Siribinha, a palavra *almofada* é usada para designar o tipo de siri que é usado como isca, e é mais provável de ser usada durante atividades geralmente associadas a mulheres (como a de mariscagem). Os resultados do estudo destacam os benefícios de combinar abordagens etnográficas com as da Geolinguística.

Na seara das pesquisas geolinguísticas, o artigo “*Os caminhos do diabo pelas capitais do Norte e Nordeste: um estudo geolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*”, escrito por Geisa Borges da Costa (UFBA), apresenta um estudo léxico-semântico das denominações de *diabo* utilizadas pelos falantes das capitais do Norte e Nordeste do Brasil. Considerando dados extraídos do ALiB, a autora analisa registros de 120 informantes distribuídos a partir de critérios da Dialetologia Contemporânea e utilizando pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional. A análise é feita levando em conta a primeira pergunta do Questionário Semântico-Lexical referente à área semântica da religião e das crenças, e os

resultados documentam 31 variantes para a pergunta “Deus está no céu e no inferno está...?”. Por fim, a autora sugere que o estudo evidencia a diversidade linguística e cultural do léxico religioso do português falado no Norte e no Nordeste brasileiro.

Outro estudo realizado no âmbito da Geolinguística é o exposto no artigo intitulado “*Variação lexical em Pernambuco e Alagoas: o diálogo geolinguístico e (meta) lexicográfico no estudo das denominações para amarelinha*”, desenvolvido por Edmilson José de Sá (CESA/UPE). O autor analisa as denominações para *amarelinha* registradas pelos falantes de Pernambuco e Alagoas. Os *corpora* considerados advêm do Atlas Linguístico de Pernambuco e do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL). A análise é apoiada em dicionários do século XVII a XXI e é desenvolvida no intuito de detectar de que maneira os regionalismos são tratados. O autor chega à conclusão de que é possível constatar a divergência semântica das denominações registradas nos dois atlas em relação ao que se verifica em obras lexicográficas. Salienta, ainda, a necessidade de minuciosa apreciação de definições regionalistas quando da atualização dos dicionários.

“*Dicionários dialetais em sala de aula: para quê e para quem?*”, artigo desenvolvido por Ivan Pedro Nascimento (UFBA), discute o dicionário dialetal como obra de referência linguística e os saberes acionados por esse tipo de publicação na perspectiva do ensino. Tendo como ponto de partida o diálogo com alguns documentos oficiais – PCN e BNCC –, o texto promove uma análise do vocabulário baiano e esboça quatro atividades de uso de dicionários dialetais em sala de aula. Por fim, o autor busca refletir sobre a necessidade de se estabelecer uma relação entre ensino e pesquisa para o acesso a diferentes e novos recursos.

O penúltimo artigo do dossiê, escrito por Gilson Costa Freire (UFRRJ) e Ricardo Joseh Lima (UERJ), tem como título “*Ensinar e divulgar variação sociolinguística: duas competências de um sociolinguista para o século XXI*”. Os autores discutem a necessidade de divulgação dos conhecimentos científicos produzidos na abordagem variacionista, bem como a aplicação desses ao ensino de língua. Para tanto, os autores apresentam um balanço crítico dos trabalhos expostos no simpósio de mesmo título, realizado no 1º Fórum Internacional em Sociolinguística: descrição, teoria, metodologia e ensino. Os autores enfatizam que as discussões que ocorreram durante o simpósio: (i) trouxeram propostas concretas de divulgação da variação linguística por meio de memes, vídeos e narrativas lúdicas com o uso das novas tecnologias; (ii) relataram o levantamento de concepções de língua na formação do professor com foco na variação; e (iii) descreveram uma experiência de mediação pedagógica bem-sucedida em sala de aula em torno de um fenômeno linguístico variável.

Fiama Aparecida Vanz (UFRGS), no artigo “*Pedagogia da variação linguística nas tarefas de um curso on-line de português como língua adicional*”, analisa as tarefas aplicadas no curso de Espanhol e Português para Intercâmbio (CEPI), Português como Língua Adicional, para intercambistas a exercerem o papel de estudantes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Procura responder às seguintes questões: (a) quais aspectos da variação

linguística são abordados nas tarefas do CEPI? e (b) como a variação linguística é abordada nas tarefas pedagógicas do CEPI? Para tanto, a pesquisa diz respeito à investigação da variação linguística em tarefas pedagógicas e envolve avaliação de material didático. Os resultados encontrados indicam que algumas tarefas contemplam aspectos da pedagogia da variação linguística. A autora relata, ainda, que, apesar da variação linguística não ser o tema central das tarefas, pode haver benefícios para o aluno, pois existe uma preocupação em fazer com que o aluno tenha contato com os diferentes repertórios linguísticos representados nos gêneros textuais das tarefas.

Em linhas gerais, este dossiê revela a riqueza da pesquisa linguística e reúne uma amostra representativa de artigos que exploram potencialidades de um fazer na Sociolinguística brasileira antenado às práticas do fazer científico nacional e internacional. O dossiê permite enfatizar o trabalho da Sociolinguística brasileira, bem como mostrar sua articulação com outras concepções teóricas e com outros campos do conhecimento. Oferecemos um rico painel de pesquisas ao público-leitor! Torcemos para que aproveitem bastante a contribuição de cada texto envolvido neste dossiê.

Agradecemos, por fim, a todos os que colaboraram para o perfil deste dossiê e, muito especialmente, aos pareceristas, pelo precioso retorno que nos proporcionaram, e aos leitores, que poderão dar novos rumos às evidências e experiências de pesquisa aqui presentes.

Boa leitura!

Os organizadores/editores